

A ARTE E O RISO

PREFÁCIO DO LIVRO

O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo

Por SAAVEDRA MACHADO

RAFAEL BORDALO PINHEIRO E O RISO. — ESBOÇO DO RISO ATRAVÉS DA FILOSOFIA, DA MEDICINA, DOS CANCIONEIROS, DE ALGUNS CLÁSSICOS E DE LOCUÇÕES POPULARES. — QUALIDADES DOMINANTES NO ARTISTA. — SAAVEDRA MACHADO E O SEU ESTUDO.

DA vasta produção do artista de amplos recursos e assinalado mérito que foi Rafael Bordalo Pinheiro, ressalta, expresso com exuberante relêvo, o propósito de fazer rir. Admirador de Xavier de Novais, cuja veia satírica e de improviso zombeteiro grangeara renome, apreciava o convívio de literatos, cultivadores audazes e joviais do humorismo, ironia e facécia, entre outros, nomeadamente, Júlio Cesar Machado e Guilherme de Azevedo, e nutria a paixão da vida do palco, bem manifesta em seu alvoroçado entusiasmo pelos actores célebres do tempo.

E, dessas influências e naturais pendores, surge o seu talento, por ingénita vocação inclinado a exteriorizar a idéa e a imagem em formas plásticas, resolutamente orientado segundo esta directriz, quasi por êle convertida em missão de alcance social — provocar o riso.

Nos domínios da sua actividade artística, ninguém, de-certo, conseguia entre nós realizar com maior êxito o seu intento.

Rafael Bordalo fez estremecer a frouxos de riso as ilhargas e proeminências abdominais dos seus contemporâneos, arrepanhou-lhes a face na convulsão da gargalhada e, já de lábios repuchados e boca escancarada, espremeu-lhes, por entre os olhos a faiscar, os sacos lacrimais, pondo-lhe, através de tregelitos e ademanes peculiares, a variada mecânica muscular em vibração.

A uns afastou-lhes ainda com leveza os risórios e zigomáticos, na expressão de sorriso, enquanto a outros imprimiu aquela máscara contrafeita dos que se reconhecem alvo da troça, pilhéria ou crítica — a do riso amarelo.

Foi mestre de primeira plana em gerar essa descarga ideo-motora e reflexa que encrespa em actividade a musculatura facial, a da fonação e a respiratória, essa parcela anímica e de cambiantes fugazes, que se tornou o enlêvo de vários filósofos, desde Aristóteles e Cícero até o poético Bergson.

Andando a arte e o riso muitas vezes juntos, tentou a filosofia tomar êste à sua conta, para insinuar que, embora lhe chamassem grave, sabia entreter-se com a própria imagem da travessura. E levou avante seu capricho, conseguindo, no desdobramento de interpretações e

conjecturas, provar ainda à evidência que, num todo de naturalidade despreocupada de leve suspeita, realizava, de quando em quando, com o riso, prodígio análogo ao de Monsieur Jourdain com a prosa.

Ainda bem que os filósofos, encarando-o cada qual sob certo aspecto especioso, lhe não conseguiram desvendar a essência íntima, pois, tentariam, apenas surpreendida e logo cristalizada numa fórmula, infligir à humanidade a condenação de morrer, não no estrebuchar de incontinente gargalhada, mas de tédio, fabricando um rir contrafeito, mecânico e artificial, ferido para sempre de morte o verdadeiro naquele dos seus mais característicos atributos — o da imprevisível espontaneidade.

Voltaire, possivelmente inspirado pelo senso crítico de Cícero, arremessa aos pesquisadores do encantado tesouro esta ironia: «Ceux qui savent pourquoi cette espèce de joie, que excite le rire, retire vers les oreilles le muscle zygomatique, l'un des treize muscles de la bouche, sont bien savants!»

Entretanto, não se eximiu a disreitar sobre alguns dos seus predicados e, de acôrdo com outros indagadores de segredos naturais, chega a esta conclusão: «O riso é atributo do homem». Os animais, alguns tão amigos de folguedos, embora pela sua mímica hajam sugerido curiosos elementos à nomenclatura do riso — verbi gratia o riso canino e o horse-laugh britânico, não riem; mas choram, poderia aventar-se. Perdão, nem riem nem choram — afirma o autor do Dictionnaire Philosophique, em côro anisono com Rabelais.

O riso, ao longo do curso cristalino das teorias a que deu origem, sob a sua varinha de feitiço, deixa reflectir a fisionomia e até a índole particular de seus observadores.

Enquanto Platão, Aristóteles e Hobbes o reconhecem como expansão do orgulho aliada a certa malignidade em deprimir o semelhante, inspirando, por este modo, a teoria da degradação apurada e desenvolvida por Alexandre Bain — Darwin e Spencer consideram-no mero problema de fisiologia, Pascal, Bossuet e Laménais chegam a condená-lo por nocivo à dignidade humana e, alfim, na escala dos comentadores do riso, Mr. Penjou, que devia ser um idólatra da liberdade, nele vislumbra a expressão do seu ídolo.

Schopenhauer, que se recreia no aspecto divertido do encontro da tangente com a circunferência e o apresenta para exemplo sugestivo do risível, assim reduzido a uma figuração geométrica — descortina neste processo dinamo-psíquico da actividade humana a impertinente mestra da razão, consoante lhe chama, de súbito colhida em confuso embaraço e forçada a confessar sua fraqueza ou ainda, por outras palavras, a vitória da intuição sobre o pensamento abstracto.

Para Renouvier traduz a fuga do espírito à severidade daquela importuna orientadora e certo grau de loucura intencional, voluntária e mansa: «l'animal risible faisant le fou», e vários a identificam à própria razão, ao passo que Mélinand acode expressivo: «c'est la joie spéciale de retrouver la raison dans l'absurde» — delineando, por estes dizeres, a teoria da discordância, mercê da qual no conteúdo diáfano do riso esvoaça a scintilha da idéa inquieta de absurdo.

Herbert Spencer, no meio de tantas opiniões divergentes, decide-se afoitamente pela interpretação do riso traduzida na fórmula sinfética de uma «discordância descendente». Stendhal, ao divagar entre subtilidades, declara, sentencioso, admitir apenas o riso alegre e despreocupado «des petites pensionnaires». E Descartes — cujas teorias filosóficas, baseadas nas especulações da física e da geometria, exerceram notória influência na medicina do século XVII, e que, intentando resolver o problema da velhice, veio a morrer aos 54 anos de uma pleurisia, diagnosticada, no seu fôro íntimo, de reumatismo, e abandonado, afinal, do seu médico, intransigente às originalidades clínicas e terapêuticas do filósofo — imaginava o riso na dependência de mau funcionamento do baço e presumia tal género de doentes propensas em excesso tanto à tristeza como à alegria.

Para uns, ainda, é choque de idéas antagónicas, surpresa seguida de movimento de alívio, contradição, insensibilidade, repetição, fenómeno resultante de saúde moral ou física, de sociabilidade, antipatia, simpatia, ou ambas as coisas simultaneamente.

Agora forceja Mr. Michiels em lhe atribuir função moralizante, possivelmente inspirado na divisa do sugestivo conceito castigat ridendo mores, mas logo adverte insinuante Mr. Laprade a revelar que nem a própria virtude ou grandeza moral permanecem inacessíveis a suas arremetidas.

Ao passo que uns, a exemplo de Chamfort, o preconizam de válida atitude de espírito, tendente a prevenir e suavizar a amargura, outros o consideram apazível jogo ou divertido exercício. Enquanto Ribot, por entre a sua variada morfologia, julga-o não redutível a uma única causa, denomina-o Dugas, no encalço do Mestre, ao versá-lo com meticulosidade, mero episódio, fenómeno, para, em último termo, chegar a esta conclusão negativista: «Il n'est object point proprement de science».

(Continua)

Arlindo Camilo Monteiro